

CARGALEIRO

A cor com que Manuel Cargaleiro pintou os últimos 60 anos de carreira pode agora ser vista em Castelo Branco num novo museu. "Reconquista" acompanhou o mestre, na celebração da sua obra.

A arte pode surgir dos momentos mais inesperados e a vida de Manuel Cargaleiro é disso exemplo. Corriam os anos 60 quando o mestre, já a viver em Paris, compra um gira-discos e repara na forma da caixa que o embala. O desfecho é contado pelo próprio: "eu achei a forma muito bonita e resolvi fazer uma pintura", que acabou por despertar o interesse de uma galeria de arte. Trinta anos depois, Manuel Cargaleiro reencontrou numa outra galeria, na cidade do Porto, o trabalho que tinha feito em 1969 a um preço bem mais inflacionado mas comprou-a de volta, mas "é evidente que paguei dez vezes mais". Esta é uma das muitas histórias que o mestre desfiou ao longo de duas horas de visita guiada por entre a colecção com que o Pólo de Castelo Branco do Museu Cargaleiro abriu as portas.

A exposição "60 anos a celebrar a cor" percorre a obra de Cargaleiro que recusa ser

somente o pintor das catedrais. A variedade afirma-se não só no estilo mas também nos materiais a que emprestou cor, que vão das telas, à azulejaria, passando pela cerâmica e tapeçaria. Ao todo o Solar dos Cavaleiros, recuperado de acordo com o projecto da arquitecta Cécilia Anica, acolhe 170 peças da colecção da Fundação Cargaleiro que reúne obras do próprio mas também de autores como Vieira da Silva, Arpad Székely, Almada Negreiros, Mário Cesariny ou Pablo Picasso, entre outros nomes mais ou menos conhecidos do grande público.

Manuel Cargaleiro diz que a sua fundação não é como as outras e a explicação está nas amizades, visto que "está aqui representada uma grande colecção dos meus amigos" que são mais do que o espaço do museu, razão pela qual o mestre entregou a escolha das obras à comissão instaladora. O piso térreo do Solar é dedicado a essas obras, enquanto que o primeiro andar dá a conhecer a exposição dos 60 anos de carreira do mestre, mais a cerâmica de outros autores, com destaque para Itália, país onde Cargaleiro dá nome e vida a um museu.

O terceiro piso do Solar será a casa da oficina que dá continuidade ao trabalho já realizado com o bordado de Castelo Branco no Museu Tavares Proença Júnior. Manuel Cargaleiro gosta e admira a técnica do bordado, classificando a mesma de "uma coisa genial", mas quer "roubar" esse conhecimento e



Manuel Cargaleiro percorre 60 anos de vida dedicada à cor, numa exposição onde podem ser vistos trabal

Horários

Exposição de terça a domingo

O Pólo de Castelo Branco do Museu Cargaleiro fica no Solar dos Cavaleiros, a poucos metros do Arquivo Distrital. A exposição pode ser vista de terça-feira a domingo das 10 da manhã até às 18 horas, encerrando para almoço entre as 13 e as 14 horas. A entrada para o público em geral é de dois euros, sendo de um euro para seniores (com 65 anos ou mais) e gratuita para estudantes.

O regresso às raízes



de Vieira da Silva, Arpad Szénes, Almada Negreiros e Pablo Picasso

adaptá-lo aos dias de hoje, com desenhos que se encaixem num gosto mais contemporâneo, objectivo no qual vão participar os alunos da Escola Superior de Artes Aplicadas.

A visita ao pólo, feita por entre o som de aspiradores, a azáfama das mulheres da limpeza e os últimos acertos de luz, não termina sem outra história curiosa. Numa visita ao mestre em Paris, Mário Soares gostou da adaptação de um poema feita à tela e rapidamente pediu a Cargaleiro que fizesse o mesmo com o poema de um outro autor. O então presidente da república, apreciador de poesia e pintura, escolheu um poema de... Manuel Alegre.

é a marca do regresso de Manuel Cargaleiro às origens,

mas não a única. Em Vila Velha de Ródão, concelho onde nasceu o mestre, prepara-se a criação de um outro pólo para o qual já há espaço, a quinta que pertenceu a Armindo de Sítua Monteiro, e projecto de arquitectura, elaborado por Siza Vieira (filho).

Pólo de Vila Velha à espera de aprovação

A ideia tem cerca de quatro anos e partiu da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, que espera agora uma resposta por parte dos gestores do Piter, um dos programas governamentais de financiamento a projectos de interesse turístico. A resposta, no ano, na melhor das hipóteses. Até lá, Maria do Car-

mo Sequeira quer dar início aos trabalhos da escola-oficina de artes tradicionais, um projecto que "vai dar formação e criar emprego" diz a autarca de Vila Velha de Ródão que espera a luz verde por parte do centro de emprego.

Manuel Cargaleiro está satisfeito com a escolha do local mas acima de tudo com a instalação da escola, um "projecto para o distrito" do qual espera ver sair profissionais de facto, nas áreas da cerâmica e tecelagem, porque "não é uma formação para divertimento". Essa aprendizagem seria utilizada na criação de peças artesanais mas com linhas contemporâneas para, por exemplo, vender em lis-

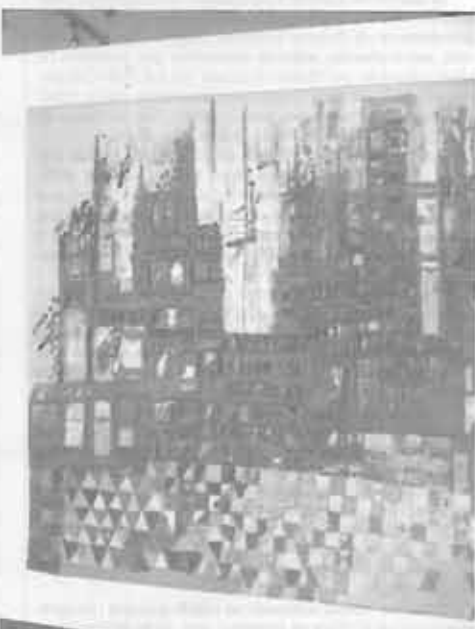
José Furtado

O percurso do Mestre

De Chão das Servas a Paris

Manuel Cargaleiro nasceu a 16 de Março de 1927 em Chão das Servas, no concelho de Vila Velha de Ródão. Em 1928 a família muda-se para o litoral e passa a residir no Monte da Caparica, onde em 1945 faz as primeiras experiências na modelação de barro. No ano seguinte entra na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para Geografia e Ciências Naturais mas desiste para se dedicar em exclusivo às artes plásticas. Em 1949 participa no salão de cerâmica em Lisboa e em 1952 realiza a sua primeira exposição individual.

1954 é um marco na carreira já que recebe o seu primeiro prémio, na área de cerâmica, começa a dar aulas na Escola de Artes Decorativas António Arroio de Lisboa, conhece Arpad Szénes e Vieira da Silva e vai pela primeira vez a Paris, onde fixa residência no final do decénio. Durante a década de 60 realiza exposições um pouco por todo o mundo, ao mesmo tempo que executa diversas encomendas, nomeadamente painéis de cerâmica. Nas vésperas do 25 de Abril de 1974 é homenageado juntamente com Eugénio



de Andrade e José Cardoso Pires. É condecorado em 1982 pelo presidente da república Ramalho Eanes e quatro anos depois por Mário Soares, recebendo ainda o reconhecimento do governo francês e

dos concelhos por onde passou: Seixal, Almada e Vila Velha de Ródão onde em 1984 o Centro Municipal de Cultura foi inaugurado com uma retrospectiva do seu trabalho.

JF